



**ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA
FIGUEIRA DA FOZ**

**ATA N.º 2/2022
SESSÃO
EXTRAORDINÁRIA
DE 25-04-2022**

“Nos termos do art.º 56.º do anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, as atas são publicitadas na íntegra, mediante edital afixado durante 5 dos 10 dias subsequentes à sua aprovação, tendo em vista garantir a publicidade necessária à eficácia externa das decisões”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2022

LOCAL - Grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos-----

DATA -25 de abril de 2022-----

INICIO - **Dez horas**-----

A sessão iniciou-se com a presença de:-----

PRESIDENTE - José Duarte Pereira.....PS

1ª SECRETÁRIA - Ana Margarida Pinto da Cunha.....PS

2ª SECRETÁRIA - Júlio César da Costa Loureiro.....PS

MEMBROS - Rosa Maria da Costa ReisFAP

João Raul Henriques Sousa Moura PortugalPS

David Manuel Fajardo AzenhaFAP

Francisco Nuno Costa de Melo BiscaiaPS

Teotónio Paulo de Jesus CavacoPSD

Patrícia Susana Baía da Costa Colaço Machado e JorgeFAP

Mafalda Reis de AzevedoPS

Edgar José Pedrosa GonçalvesFAP

José Fernando Guedes CorreiaPS

José Augusto Fernandes MateusFAP

Maria Isabel Cardoso Guardão TavaresPS

Manuel Fernando Rascão MarquesPSD

Isabel Cristina Guerreiro Pimentel MaiaFAP

Victor Manuel dos Santos MadalenoPS

Joaquim Francisco da Silva PereiraFAP

Célia Maria da Silva MoraisPS

José António Borges LigeiroFAP

José Manuel Cunha CarvãoPS

António Graça LapãoFAP

Silvina da Silva Fonseca Anadio de QueirozCDU

Gonçalo Raposeiro FariaFAP

Pedro Miguel da Silva Ribeiro JorgeBE

PRESIDENTES DE JUNTAS DE FREGUESIA

(Alhadas) Jorge Manuel Bugalho da SilvaPS

(Alqueidão) Clarisse da Silva Ferreira OliveiraPS

(Bom Sucesso) Carlos das Neves BatataPS

(Buarcos e São Julião) Rosa Maria Martins Ferreira BaptistaFAP

(Ferreira-a-Nova) Susana Maria Rodrigues Oliveira MonteiroPS



(Lavos)	José Coelho Henriques da Silva	PS
(Maiorca)	Rui Pedro Pinto Ferreira	PS
(Marinha das Ondas)	José Alberto Jordão Suzana	PS
(Moinhos da Gândara)	Gilberto Fajardo Oliveira	PSD
(Paião)	José Alberto da Silva Carvalho	FAP
(Quiaios)	Ricardo Manuel Rodrigues Santos	PS
(São Pedro)	Jorge Aniceto Pimentel dos Santos	PS
(Tavarede)	Fernando António Martins Lopes	PS
(Vila Verde)	Vítor Manuel Gonçalves Alemão	PS

Após verificação do quórum, deu-se início à sessão.-----

JUSTIFICAÇÃO DE FALTAS

Paulo Henrique Nisa Mariano e Adélia Maria Ramos Batata.-----

As cerimónias iniciaram-se junto ao Centro de Artes e Espectáculos, com o Hastear da Bandeira Nacional, sendo a guarda de honra prestada pelos Bombeiros Sapadores e Voluntários da Figueira da Foz, e o Hino Nacional tocado pela Filarmónica da Sociedade Musical Recreativa, Instrutiva e Beneficente Santanense. De seguida, as pessoas deslocaram-se para as instalações do grande Auditório do Centro de Artes e Espectáculos, onde decorreu a Sessão Extraordinária comemorativa do 48.º aniversário do 25 de Abril.-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes, Senhor Orador Oficial desta Sessão, Coronel Carlos Cachulo e Costa, Senhor Representante da Associação 25 de Abril, Coronel Fernando Góis Moço, Senhoras e Senhores Vereadores, Senhoras e Senhores Presidentes de Junta, Senhoras e Senhores Membros da Assembleia Municipal, Jovem Representante do Conselho Municipal de Juventude da Figueira da Foz, Exm.ªs Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas presentes, Maestro e Filarmónicos da Sociedade Musical Recreativa, Instrutiva e Beneficente Santanense, Maestrina e elementos do Coro das Pequenas Vozes da Figueira da Foz, e Maestro e demais elementos do Coral David de Sousa, que teremos o prazer de ouvir no final desta sessão solene, Senhoras e Senhores Convidados, Comunicação Social, Minhas Senhoras e Meus Senhores, está aberta a Sessão Solene da Assembleia Municipal da Figueira da Foz Comemorativa do quadragésimo oitavo Aniversário da Revolução do 25 de Abril.-----

Dou a palavra ao orador convidado, Coronel Carlos Cachulo e Costa."-----

CORONEL CARLOS CACHULO E COSTA: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Duarte, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz,



Dr. Pedro Santana Lopes, Exm.ºs Vereadores, Exm.º Senhor representante da Associação 25 de Abril, meu caro camarada Coronel Góis Moço, Exm.ºs Senhores deputados municipais, Exm.ªs autoridades, Exm.ºs autarcas. Minhas senhoras e meus Senhores.-----

Foi um grande privilégio ter sido convidado pelo Presidente da Assembleia Municipal, o meu querido amigo Eng.º José Duarte, e pelo Partido Socialista, para proferir algumas palavras alusivas ao dia em que se comemoram os 48 anos do 25 de Abril de 1974.-----

Peço desculpa pela modéstia da intervenção, mas pouco se pode esperar de um ancião que muito grato está por dele se terem lembrado, não obstante considerar, com humildade, que muitos outros o poderiam fazer com mais eloquência, conhecimentos e luzimento. Aqui fica assim o registo pessoal do meu profundo reconhecimento, que jamais esquecerei.-----

Não me eximo da tarefa que julgo delicada, tanto mais que o tema a abordar já foi sobejamente debatido e dissecado, durante estas quase cinco dezenas de anos, por um largo espectro de pessoas do maior valimento e com perspetivas multifacetadas sobre o histórico acontecimento, que prevalecem com as mais variadas opiniões, juízos e critérios.-----

Reitero, mais uma vez, o meu agradecimento nesta abordagem simplista, modesta, mas vivida, como não podia deixar de ser.-----

Naqueles tempos idos, o povo português vivia um período difícil e muito ingrato da sua história, quando perdurava uma guerra colonial há treze anos. Combatiam nos três teatros de operações cerca de 120.000 homens, a maior parte jovens retirados das suas famílias e que se deslocaram muitos milhares de quilómetros para lutarem em locais inóspitos, quer na Guiné, Angola e Moçambique, mas apesar disso, o país vivia numa letargia pungente perante este trágico acontecimento.-----

A guerra passava ao lado, a não ser para as pessoas que lá tinham os seus entes queridos ou os seus amigos. Muito poucos tinham o sentido crítico da situação, não obstante se travar uma guerra insensata para qualquer observador atento e independente, dadas as circunstâncias internacionais que condenavam, quase em unísono, a opção que tinha sido deliberadamente tomada.-----

Estávamos, de facto, orgulhosamente sós!-----

A situação militar que se vivia tornava-se cada vez mais inquietante. No ano anterior, em 73, expectavelmente surgiram no lado do nosso inimigo, ao que sei, apenas na Guiné e em Moçambique, os primeiros mísseis terra-ar que alteraram



profunda e decisivamente o percurso e o desenvolvimento do conflito. Seguidamente, deixámos de ter a supremacia aérea, fundamental para a nossa sobrevivência logística e tática, numa guerra de guerrilhas. As nossas aeronaves, daí para a frente, não se deslocavam livremente como até aqui, mas sim, em corredores pré estabelecidos com aterragens nos aeródromos feitas com as maiores cautelas e segurança.-----

Também a comunicação social não informava a população portuguesa nem deste nem de outros acontecimentos. Uma censura estrita e feroz impunha um silêncio que prevalecia e colocava as pessoas numa sonolência conveniente ao poder.-----

A propósito deste duro objetivo que se prolongava desde 61, início da guerra, aproveito para relembrar um acontecimento trágico que passou completamente despercebido: na tarde quente e húmida de 21 de junho de 1969, quando se procedia a uma operação logística de grande envergadura e se procurava atravessar o Rio Zambeze, na povoação de Mopeia em Moçambique, um batelão que transportava tropas e viaturas adornou e, por incúria ou descuido, pereceram afogados 101 militares e 5 tripulantes. Foi o maior desastre ocorrido na guerra colonial nas três frentes nos treze anos!-----

Disso a história nada rezou e os portugueses ignoravam e estavam perfeitamente divorciados dos factos e de uma guerra que se desenrolava em territórios distantes que eram nossos, mas que eles não sentiam, não conheciam e não lhes dizia respeito. A sociedade africana, essa vivia em guetos, explorada e marginalizada. Não eram também tempos felizes, os anos de 74, um pronunciamento militar em março, no Regimento de Infantaria das Caldas, foi considerado pelo Governo um acontecimento isolado, que rapidamente soçobrou com os principais autores a serem detidos.----

Entretanto, o potencial de combate do nosso inimigo, especialmente na Guiné e em Moçambique, ia-se valorizando exponencialmente. A qualidade dos quadros, o conhecimento do terreno, as práticas das armas cada vez mais sofisticadas, iam criando fossos insanáveis. Pelo nosso lado, com enquadramentos cada vez mais deficientes, com três, quatro e cinco missões, os quadros permanentes estavam a ficar exaustos, os cursos da Academia Militar não tinham voluntários, com cursos inexistentes ou desertos, tornavam o futuro um pesadelo. O Governo, com as necessidades óbvias de manter uma estrutura e arranjar oficiais a qualquer preço, usa uma falácia e fabrica-os em quatro semestres numa Academia Militar travestida, quando a formação durava, até então, quatro anos com obstáculos e exigências.---

Temia-se o cenário de uma segunda Índia, com proporções gigantescas!-----



Foi esta a situação, que muito resumidamente descrevi, que facilitou o caldo substantivo para se criarem as condições para um golpe de Estado que se precipitou. Foi essa consciencialização coletiva que aglutinou, de modo muito rápido e eficaz, os jovens capitães dos quadros permanentes que lideraram um golpe de Estado a que se seguiu uma revolução.-----

Aconteceu o 25 de Abril, que Sofia tão bem descreveu nos seus versos: «É a madrugada que eu esperava/o dia inicial inteiro e limpo/onde emergimos da noite e do silêncio/e livres habitamos a substância do tempo».-----

Vou terminar de uma maneira muito prosaica e não vou deixar de referir o que aconteceu na nossa Cidade, que teve importância maior ao enviar uma das mais importantes forças militares que se levantaram para se dirigirem primeiro, a Peniche e, depois, a Lisboa.-----

Aproveito, também, para citar duas personalidades importantes neste pronunciamento militar ligadas à nossa Cidade. Os dois militares, já falecidos, provocaram alguma controvérsia durante o Processo Revolucionário em Curso (PREC) no levantamento que hoje perfaz 48 anos.-----

O falecido Coronel Eduardo Diniz de Almeida, oficial do Regimento de Artilharia Pesada 3 desta cidade que, além da ingrata missão de neutralizar o Comandante, liderou uma numerosa coluna militar para Peniche e, depois, para Lisboa. Esta operação foi executada pelas duas unidades sediadas na Cidade, foi documentada fotograficamente por um, então, furriel miliciano Jorge Dias, que constitui património histórico, tanto mais que a reportagem se fez desde os primeiros preparativos até ao regresso a esta Cidade.-----

Outro, não menos importante, é Carlos Veríssimo da Cruz, Oficial de Engenharia e Transmissões, que teve a difícil tarefa de preparar o dispositivo que tornou possível estar em contacto com todas as tropas envolvidas no pronunciamento. Vítima de incompreensões, Veríssimo da Cruz morreu amargurado, e atrevo-me, com alguma ousadia, a fazer uma analogia metafórica a citação que pode suscitar controvérsia, mas aqui vai: «Morreu mal com os homens por mor da revolução e mal com a revolução por mor dos homens». Era filho do conhecido fotógrafo Afonso Cruz, nascido e criado nesta Cidade.-----

Aqui fica este registo muito singelo que pode aproveitar aos historiadores locais para estudo, e para os autarcas que, muitas vezes, vão buscar fora figuras quando as têm cá dentro e bem ligadas à Cidade.-----

Parece-me que estes homens mereciam ter o nome numa parede!-----



Achei que não devia deixar de aproveitar estas comemorações do Dia da Liberdade para não olvidar o conflito que se trava no Oriente da Europa. Registou-se uma flagrante agressão militar e um ataque deliberado, que tem provocado assassínios e massacres, absolutamente injustificados, cometidos contra a população indefesa. Não faço mais comentários! Que Deus ilumine o agressor!-----
Peço-vos desculpa pela maçadoria e pela modéstia destas linhas tão despretensiosas.”-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante da Associação 25 de Abril, Coronel Fernando Góis Moço.-----

CORONEL FERNANDO GÓIS MOÇO: “Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Exm.º Senhor Coronel Cachulo e Costa, Exm.ºs Senhores Membros da Mesa, Exm.ºs Senhores Deputados Municipais, Exm.ºs Vereadores, entidades convidadas, representantes da Comunicação Social. Minhas Senhoras e Meus Senhores.-----

Antes de iniciar propriamente a leitura da mensagem da Associação 25 de Abril relativa ao 48º aniversário do 25 de Abril, relembro aqui, principalmente para os mais jovens, o papel determinante que teve a guarnição militar da Figueira da Foz, à época, nas operações militares que conduziram ao derrube da ditadura.-----
Naquela madrugada que eu esperava, o dia inicial inteiro e limpo onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo, segundo Sophia de Mello Breyner.-----

A guarnição militar da Figueira teve um papel importante não só pelo volume e natureza das forças que empenhou, mas também, obviamente, pelas missões que lhe foram imputadas e que cumpriu.-----

De referir, ainda, que na unidade alguns militares correram um risco demasiado elevado. Um já aqui citado pelo meu Comandante, o Senhor Coronel Cachulo e Costa que, infelizmente, já não está entre nós, o Coronel Eduardo Leitão Dinis dos Santos Almeida, que apoiado pelo furriel Jorge Dias, esse felizmente ainda vivo, teve de neutralizar uma sentinela, operação sempre muito delicada, e prender o Comandante que pernoitava na unidade e se encontrava armado.-----

São atos reveladores de uma certa bravura, determinação e coragem desta geração que se envolveu nas operações militares do 25 de Abril, os jovens Capitães de Abril.-----

Passo, agora, à leitura da mensagem da Direção da Associação 25 de Abril.-----
Foi há 48 anos que os Capitães de Abril derrubaram a ditadura que oprimia os



portugueses havia também 48 anos. A Liberdade então conquistada acaba de ultrapassar o tempo da mais longa ditadura do século XX na Europa Ocidental.---- Por isso é tempo de proclamarmos bem alto «Mais Cravos que Ditadura!»----- Foi há 48 anos que os Capitães de Abril puseram fim a uma guerra sem sentido, como são todas as guerras, e alcançaram a Paz, o que nos permitiu construir a Democracia. O 25 de Abril de 1974 foi o início de um novo período da História, em que o povo português assumiu em pleno o seu estatuto de cidadania, construindo uma sociedade mais livre, mais democrática, mais justa e mais solidária.----- Aos sonhos e utopias de então, alguns atingidos com êxito, seguiram-se tempos difíceis, com os ataques dos inimigos de Abril, que nunca esqueceram a vontade de regressar aos tempos passados.----- Foi à volta da Constituição da República, conquista maior de Abril, que os democratas se uniram e conseguiram construir a plataforma comum que lhes permitiu salvaguardar os objetivos fundamentais que nos haviam levado à Madrugada libertadora.----- São esses os valores que teremos de manter para, à sua volta, continuarmos a construção de uma sociedade onde as desigualdades e as injustiças sejam cada vez menores. A concentração da riqueza nas mãos de poucos, em comparação com a indigna percentagem de pobreza, agora fortemente agravada pela pandemia e pela guerra, não pode continuar no país de Abril, que se construiu com base nos direitos de cidadania e justiça contidos no Programa do Movimento das Forças Armadas e consolidados pela Constituição da República.----- Nós, mulheres e homens de Abril, não podemos claudicar na luta pela consolidação de uma sociedade de Abril. O que exige de nós a indispensável coragem para enfrentarmos populismos, mascarados ou não, que, a vencerem-nos, nos lançarão novamente em regimes repressivos, contrariando assim a propaganda que fazem e as promessas com que enganam os incautos.----- E se a Coragem é importante na luta global, ela será determinante para exigir aos responsáveis políticos uma maior Transparência, sem Clientelismos e sem Corrupção, indispensáveis à construção da almejada justiça social.----- Hoje, festejamos a Liberdade e a Democracia, mas queremos também festejar a Paz. Muito lamentavelmente, fazemo-lo quando a guerra voltou à Europa e nos está a «bater à porta».----- Esta Europa que, palco e vítima das duas guerras mais destrutivas da História da Humanidade, parece desafiar os Deuses e tudo fazer para que a próxima guerra, que



será inevitável enquanto existir o Homem Lobo do Homem, seja travada com pedras e os paus dos primórdios da nossa História.-----

Já no final do século XX, a Europa voltou a ver desenrolar-se no seu seio uma outra guerra, de que resultou a dissolução da Jugoslávia, um dos países que mais coerentemente procurou soluções justas para as sociedades humanas, fora dos blocos políticos e militares. Mais uma vez, os ataques altamente condenáveis verificados não devidamente sancionados, porque prevaleceu a máxima de que «a Justiça é a manifestação da vontade do vencedor»!-----

Não aproveitando as lições do passado, esquecendo as tragédias vividas e mantendo a ambição de domínio sobre os mais fracos, os detentores da força voltam a criar condições para uma nova guerra na Europa. Guerra que, por mais razões que se procurem esgrimir, não se justifica, não tem razão de ser!-----

Sabemos que a principal responsabilidade pela eclosão de uma guerra, nomeadamente uma guerra de agressão, de invasão do outro, como a que assola a Ucrânia, cabe ao agressor, neste caso a Rússia. Não podemos, por isso, deixar de condenar essa potência mundial e o seu máximo responsável, o presidente Putin.-----

Mas sabemos também que uma guerra, seja qual for o seu âmbito, exige sempre, no mínimo, dois contendores. Como também sabemos que a guerra não é, não pode nem deve ser solução para a resolução dos conflitos, em pleno século XXI.-----

Há que parar imediatamente a guerra e fazer a Paz!-----

Para nós, autores da epopeia que está já nos anais da História de Portugal e da História Universal, enquanto ação de procura da Liberdade, da Paz, da Igualdade e da Solidariedade, não haverá melhor dádiva do que podermos comemorar os 48 anos dessa gesta coletiva em Paz, não só em Portugal, mas também na Europa e no Mundo. Se assim for, será bem mais fácil prosseguirmos no cumprimento de Abril, na procura de uma sociedade democrática, onde os valores da justiça social se consolidem.--

Os tempos que estamos a viver são difíceis e exigentes.-----

São de resistência e de luta, mas também de Esperança!-----

Esperança num futuro de Abril, onde todos nos juntemos na construção da sociedade que as gerações mais velhas não tiveram, mas que iniciaram e têm tentado manter, passando-a agora aos mais jovens.-----

Unidos, gritaremos, todos juntos, «25 de Abril, Sempre»! Viva Portugal! Um grande abraço de Abril."-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao representante do Conselho Municipal da Juventude da Figueira da Foz, Henrique Serra Pinho."-----



HENRIQUE SERRA PINHO: "Antes de mais gostaria de cumprimentar, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Eng.º José Pereira, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, Dr. Pedro Santana Lopes. Cumprimento também todos os autarcas do nosso Concelho, e aqueles que ao longo dos 48 anos de democracia deram o seu melhor e contribuíram para o desenvolvimento do nosso Concelho. Jornalistas e funcionários do Município, Figueirenses.-----
Comemoramos hoje, os 48 Anos da revolução de abril e assinalamos aquilo que foi o libertar de um país. Com a certeza, de que todos os dias são de luta e de defesa intransigente da democracia, passar esse legado histórico aos que, tal como eu, são netos de abril é essencial.-----
Aliás, é uma honra, para mim, estar a representar o Conselho Municipal de Juventude, nesta sessão. Uma presença simbólica e demonstrativa que também os jovens têm a preocupação de defender os valores de abril.-----
Hoje é também o dia de dizer obrigado e dizer que valeram a pena estes 48 anos. Obrigado pelas portas que Abril abriu à geração dos meus pais, mas também à minha geração.-----
Não poderia, enquanto dirigente Estudantil, deixar de destacar que Abril é Educação! Na década de 1970, cerca de 25% da população era analfabeta e apenas 4,9% tinham o ensino secundário. Hoje mais de 20% tem o ensino superior.-----
Éramos um país pobre, com censura, marcado pela repressão e por uma guerra colonial que devastou uma geração, com consequências sociais que ainda hoje perduram.----
Mas Abril consigo trouxe também igualdade de género. Ainda que haja muito por cumprir, vivemos num país onde as mulheres são livres, e cidadãs de pleno direito, sem precisar de pedir autorização ao marido para sair do país.-----
Abril acabaria por nos trazer a Europa, mas também permitiu infraestruturas, saneamento básico, habitação, liberdade económica ou direito à cultura.-----
Mas hoje cumprir Abril tem de passar pelo combate das desigualdades e por não permitir que alguns maus exemplos sejam vistos como um todo. Para isso, a democracia deve dar o exemplo no campo da ética do serviço público.-----
Importante para a nossa consolidação democrática é igualmente a comunicação social livre, e aqui sublinhar o papel do jornalismo local e regional.-----
Temos igualmente de consolidar novas bandeiras em democracia como a transição digital e transição climática, que são hoje, assuntos centrais para todas as comunidades, não sendo exceção o nosso Concelho.-----
48 anos depois, a reflexão que devemos fazer é que ainda que com alguns erros,



próprios de uma democracia em construção, valeu a pena! À minha geração, cabe continuar a luta, intransigente, pela democracia e sua consolidação, contra os populismos de soluções fáceis que nos levam para o abismo.-----
Por um país de oportunidades para todos, pela liberdade, pela igualdade!-----
Viva o 25 de abril!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal Pedro Miguel Jorge.

PEDRO MIGUEL JORGE: "Exm.º Sr. Presidente da Câmara, Exm.º Sr. Presidente da Assembleia Municipal, Exm.ºs Srs. Vereadores, Exm.ºs Srs. Deputados, Exm.ºs Srs. Representantes da Associação 25 de Abril, Exm.º Sr. Orador convidado, e demais entidades presentes. Senhoras e senhores.-----

Comemoramos hoje uma data primordial. Como várias outras da nossa longa história de quase 900 anos, em que tivemos de fazer escolhas decisivas e fundadoras do que queríamos enquanto entidade com valores comuns e identificativos, o dia de hoje do ano de 1974 entra nos anais da nossa história como um dia de celebração por termos conquistado algo precioso e que estava perdido entre nós, na «noite mais triste» dos longos 48 anos de ditadura do Estado Novo - a nossa liberdade. É um dia em que soubemos dizer «Basta!» aos poderes instalados que nos oprimiam e quisemos escolher o caminho aberto e de desenvolvimento que só a liberdade em democracia nos dá: as escolhas do que queremos ser feitas por todos, para o bem de todos.-----

Este é, por isso, um dia feliz, em que comemoramos essa escolha, ao mesmo tempo que agradecemos e prestamos homenagem a quem nos deu essa possibilidade, e sem quem não poderíamos festejar hoje, pela primeira vez, num período em democracia e liberdade que, temporalmente, já ultrapassa o próprio período da ditadura. Aos Capitães de Abril, ao Movimento das Forças Armadas e aos milhões de portugueses que souberam conquistar e manter a liberdade de Abril, o nosso mais profundo e sincero obrigado!-----

Há, contudo, sempre muito por fazer para cumprir Abril. Este é um processo em construção, em que devemos estar sempre atentos ao edifício da democracia que conquistámos. O Bloco de Esquerda sabe que a luta para manter esse edifício é uma luta permanente, que envolve todos e que queremos deixar para as gerações futuras. O legado que lhes deixamos é o resultado das escolhas de hoje.-----

Estes são os dias de luta por um cada vez melhor Serviço Nacional de Saúde que, como se viu nestes últimos dois anos, foi o grande esteio na luta contra um inimigo insidioso e mortal; por uma habitação condigna para todos e por uma educação



universal promotora de oportunidades; por uma luta sem tréguas pela erradicação da pobreza; por um conjunto de medidas que protejam o ambiente para que se possa salvar o planeta; pela luta contra a corrupção e os paraísos fiscais; pela fiscalização dos lucros especulativos, principalmente os das multinacionais que aumentam sempre os seus lucros em alturas de crise como a que vivemos; enfim, a luta por uma vida digna e que respeite a condição humana em todas as suas concretizações, num país que se quer sempre mais pleno de oportunidades, inclusivo e justo.-----

Vivemos dias de trevas a nível mundial. Temos de ter noção de que não estamos, ninguém está, imune aos perigos que as nuvens negras trazidas por uma nova extrema-direita, retrógrada nos seus princípios, mas armada com as piores tendências das novas tecnologias da informação - a propagação de imagens e notícias falsas, retiradas de contexto ou truncadas, ou simplesmente a mentira mais despudorada replicada sem controlo efetivo - tem neste momento um braço armado que faz e deseja a guerra, atacando sem escrúpulos outros países e lançando o mundo numa escalada de violência e de crise que a todos prejudica, principalmente os mais vulneráveis. Hoje mostramos que temos a melhor arma contra esta ofensiva - o espírito do 25 de Abril e a liberdade que trouxe ao nosso país. É esta liberdade conquistada que nos permite afirmar, sem medos nem rodeios, que este é um exemplo que podemos sempre recordar ao mundo, com orgulho, que é sendo livres que podemos, num quadro democrático, escolher o que queremos enquanto cidadãos e seres humanos, combatendo ideias velhas e perigosas que apenas trouxeram ao mundo a desigualdade, a tirania, a opressão e a morte.-----

Diz-se que somos um país de poetas. É um bom estereótipo. O 25 de Abril contribuiu com uma mão cheia de momentos poéticos felizes que nos recordam que este é um dia para celebrar, apesar das nuvens negras no horizonte. Mais, é um dia que contém em si os melhores dos princípios para combater o que essas nuvens trazem. É este «dia inicial, inteiro e limpo» que nos permite dizer com convicção que «agora ninguém mais cerra/as portas que Abril abriu!»-----

Viva o 25 de Abril!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada Silvina Anadio Queiroz.-----

SILVINA ANADIO QUEIROZ: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, ao cumprimentá-lo, saúdo de igual modo todos os presentes. A economia de tempo a isso obriga.-----

Calorosas saudações neste 48º aniversário da Revolução libertadora de 25 de Abril



de (19)74. Herdeiros da extraordinária iniciativa do Movimento das Forças Armadas, construída e cimentada ao longo da noite fascista de 48 anos, terrível para o Povo e para os opositores do regime torcionário, cabe-nos cumprir o que Abril determinou e o que a Constituição da República Portuguesa impôs. Falo em meu nome, enquanto cidadã antifascista e em nome do Partido Comunista Português, o Partido que se orgulha de ter uma história ímpar de 101 anos, em defesa dos interesses dos trabalhadores, do Povo e do País, pela Liberdade, a Democracia, a Paz e a Independência e Soberania Nacionais.-----

O Partido que se manteve ao longo de quase meio século de fascismo agindo e lutando com dedicação revolucionária, que deu um contributo inigualável no processo da Revolução de Abril, que esteve na frente da luta em defesa do regime democrático consagrado na Constituição da República. O Partido das grandes causas e de todos os combates contra a exploração, a opressão e as desigualdades, as discriminações, o racismo e a xenofobia. O Partido da solidariedade internacionalista, da Paz, amizade e cooperação com todos os povos, que afirma consequentemente na sua prática política a sua característica de Partido patriótico e internacionalista.-----

Não houve e não há avanço sem o contributo do Partido Comunista Português.-----
O futuro constrói-se com este Partido que abraça ideais e projeto, pois o capitalismo explorador mostra a cada dia os seus limites e incapacidades para resolver os problemas da humanidade.-----

As consequências de um sistema iníquo e predador vêem-se também quando olhamos o seu rasto de morte e destruição. A guerra surge cada vez mais como a resposta à crise em que o sistema capitalista mergulhou. Da Palestina à Síria, do Iraque à Líbia, da Jugoslávia ao Afeganistão, os povos conheceram o drama da destruição e da guerra, pela mão dos que hoje se fazem passar por pombas inofensivas e amantes da Paz.-----

Vivemos no Leste da Europa, na Ucrânia, uma situação de guerra que urge parar e que nunca deveria ter começado.-----

Acontecimentos com trágicas consequências, que comportam sérios perigos e repercussões por todo o mundo e que têm sido pretexto para uma nova campanha anticomunista, assente em grosseiras falsificações.-----

O Partido Comunista Português não apoia a guerra, não tem nada a ver com o governo russo e o seu presidente. Este foi um traidor da Revolução de Outubro e nunca poderia ser um aliado nosso. Jamais foi, jamais será. A opção de classe do Partido Comunista Português é oposta à das forças políticas que governam a Rússia



capitalista e dos seus grupos económicos.-----

Não caricaturem a posição do Partido Comunista Português que sem equívocos condena o caminho de ingerência, violência e confrontação, o golpe de Estado de 2014, promovido pelos Estados Unidos da América na Ucrânia e que instaurou um poder xenófobo, a recente intervenção militar da Rússia na Ucrânia e a intensificação da escalada dos estados Unidos da América, NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e União Europeia.-----

São necessárias iniciativas que levem ao desagrar do conflito, ao cessar-fogo e a um processo de diálogo com vista a uma solução negociada, a resposta aos problemas de segurança coletiva e do desarmamento na Europa, ao cumprimento dos princípios da Carta da Organização das Nações Unidas e da Ata Final da Conferência de Helsínquia.-----

O convite a Zelenski para intervir na Assembleia da República não se insere neste esforço. Foi um ato de instrumentalização de um órgão de soberania. Ouvi-lo e aplaudi-lo não tem nada a ver com a solidariedade com o povo ucraniano. Tem mais a ver com falta de rigor analítico e com falta de memória. Subscrevem o Partido Social Democrata, o Partido Socialista, o Bloco de Esquerda a ilegalização dos seus partidos congéneres na Ucrânia?!-----

Vale a pena perguntar a quem serve a guerra e os apelos a mais armas. Não pediu comida, medicamentos, ajuda humanitária. Armas! O que interessa aos grandes senhores dos negócios armamentistas.-----

Não serve os ucranianos, nem os russos, nem nos serve. Serve a administração norte-americana e o seu complexo militar-industrial para vender armas em larga escala, aproveitando-se económica e militarmente de uma guerra distante.-----

O Partido Comunista Português apela ao povo português para a mobilização e ação pela Paz e apela à solidariedade e ajuda humanitária às populações, que não se podem confundir com o apoio a grupos fascistas e neonazis.-----

Em nome da guerra está em curso a mais desbragada intolerância e difusão de ódio, a criminalização do pensamento e de toda a opinião que questione o pensamento único, a instituição da censura, o condicionamento do acesso à informação, a limitação de liberdades, direitos e garantias, estes também já seriamente ameaçados ao «abrigo» das medidas securitárias da pandemia. Um caldo de cultura antidemocrático e persecutório, com uma forte componente anticomunista, são as faces mais visíveis dessa ofensiva, suportada na máquina de difusão da propaganda da guerra, que é feita em confronto com a própria Constituição, nomeadamente com



os seus artigos 7.º, 8.º, 19.º e 37.º. Esta é uma ofensiva que se não for combatida e derrotada atingirá todos os democratas e contaminará a vida nacional. Como escreveu (Martin) Niemoller «Quando vieram (pelos outros), eu calei-me. Quando vieram por mim, não havia mais ninguém para protestar.»-----

As comemorações populares dos 48 anos da Revolução, constituem um importante momento de afirmação da luta do Povo pela liberdade e a democracia, contra a ditadura fascista e simultaneamente de exigência de uma política e de um rumo que respondam aos problemas do País e às suas aspirações. Abril deve ser celebrado a olhar para o futuro, projetando as suas conquistas e valores, convocando as energias e a alegria de viver na luta pela construção de um Portugal desenvolvido e soberano.-----

Celebrar Abril é evidenciar o que foi o fascismo e combater o seu branqueamento. Celebrá-lo é assinalar o seu sentido transformador e revolucionário, é sublinhar o que constitui de valores e referências para um Portugal com Futuro.-----

A situação que vivemos interpela-nos. Mobiliza para que se apliquem na vida os direitos inscritos na Constituição (da República Portuguesa), exige que se cumpra o seu projeto e coloca a necessidade dos seus valores como elemento central.-----

O Orçamento do Estado que o Governo apresentou recentemente mantém a matriz do anterior.-----

Continua a recusar o aumento dos salários de todos os trabalhadores, o aumento geral das pensões, o reforço dos serviços públicos, designadamente do Serviço Nacional de Saúde, a valorização das carreiras, a defesa do direito à habitação, o travão aos despejos e ao aumento das rendas, o investimento na criação de uma rede pública de creches e de equipamentos sociais, o apoio à produção nacional e às micro, pequenas e médias empresas.-----

No que diz respeito ao aproveitamento da guerra e das sanções, utilizadas como pretexto pelos grupos económicos para acumularem milhões à custa do empobrecimento do Povo, o Governo recusa defendê-lo, remetendo a resposta para decisões da União Europeia, numa posição de desresponsabilização e aceitação subserviente de imposições externas prejudiciais ao País.-----

Precisam-se respostas à altura dos problemas. Respostas que se não submetam às imposições da União Europeia. Respostas impossíveis se se mantiverem intocáveis os lucros e os privilégios do grande capital.-----

O País tem recursos para enfrentar a atual situação.-----
A luta pela Paz, contra a escalada da guerra, tem de ser desde já associada à luta



em defesa dos direitos.-----

As comemorações do 25 de Abril e do 1.º de Maio são oportunidade para dar expressão a essa luta. As manifestações do Dia do Trabalhador serão uma poderosa demonstração de força e de unidade!-----

Precisamos de uma política que promova o desenvolvimento económico, que ponha o País a produzir, que assuma a valorização do trabalho, que assegure serviços públicos de qualidade, valorize a educação, a ciência e a cultura, que defenda o Serviço Nacional de Saúde e o salve da estratégia que visa a sua destruição, que garanta os direitos das crianças e dos pais, proteja o direito a uma habitação digna, reforce a proteção social, que garanta um ambiente saudável e equilíbrio ecológico.-----

Por um País soberano e desenvolvido! Pela Paz e solidariedade internacionalista! 25 de Abril SEMPRE! Fascismo NUNCA mais! VIVA PORTUGAL!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado Teotónio Jesus Cavaco.-----

TEOTÓNIO JESUS CAVACO: "Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Excelentíssimos Senhores Vereadores, Excelentíssimos Senhores Presidentes de Junta, Entidades Cívicas, Militares, Para Militares e Religiosas, Caros Companheiros Deputados da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Senhoras e Senhores Jornalistas, Caras Senhoras e Caros Senhores.-----

O regresso, a cada ano, neste dia, a este local, representa o justo reconhecimento do valor d'«O dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo», nas palavras de Sophia.-----

Penso que todos os que aqui viemos aceitamos que o devemos continuar a fazer (talvez, eventualmente, noutro(s) formato(s)), fundamentalmente por duas ordens de razões: em primeiro lugar, porque é importante, antes de mais, valorizar os princípios da Liberdade e da Democracia e celebrar e preservar os valores e as principais conquistas da Revolução de Abril; e em segundo lugar, porque é relevante passar este testemunho às gerações futuras.-----

Mas também é verdade que o regresso, a cada ano, neste dia, a este local, envolve um duplo sentimento: por um lado, de regozijo e de celebração, pelo reconhecimento do enorme salto civilizacional proporcionado pelos jovens militares que ousaram; mas por outro lado, de preocupação e de alguma angústia face à constatação de que o ainda muito haverá a fazer (na Justiça, na Educação, na Saúde, na Política,...) parece não interessar a muitos, a demasiados portugueses que não sabem/não querem



intervir civicamente.-----
E isto não é novo!-----
Menos de seis anos depois da madrugada por muitos esperada, o fundador do Partido Popular Democrático/Partido Social Democrata, Francisco Sá Carneiro, recém-empossado primeiro-ministro, disse, no Parlamento: «Falaremos pouco de ideologia, falaremos mesmo muito pouco de Abril, mas vamos trabalhar modestamente para o realizar, para fazer aquilo que aqueles que nos antecederam não fizeram».-----
Os três «D»...-----
Ouvimos, normalmente uns dias antes e no próprio dia 25 de abril de cada ano, muitos a falar, quer sobre o que é preciso fazer «e que ainda não foi feito» para «cumprir Abril», quer para reverter, na sua opinião, o que se alcançou durante os primeiros meses de «Processo Revolucionário Em Curso» (PREC), e nos últimos anos já se perdeu.-----
No dia 24 de abril de 1974, havia fundamentalmente três grandes problemas a resolver no ainda Império português:-----
- o problema da guerra colonial (ou do Ultramar, ou de África, consoante a matriz ideológica), iniciada no já longínquo ano de 1961 em Angola, mas que alastrou à Guiné-Bissau e a Moçambique, e que, treze anos depois, tudo e todos corroía, em recursos crescentes e insustentáveis, dos pontos de vista económico, social e político;-----
- o problema da falta de liberdade; goradas as esperanças de uma real democratização do regime (a chamada «primavera marcelista»), Marcello Caetano viu desvanecer-se o apoio dos liberais, que lhe condenavam a falta de força para implementar as reformas necessárias, mas foi também alvo da hostilidade dos núcleos mais conservadores, que imputavam à política liberalizadora a onda de instabilidade que, entretanto, tinha assolado o país.-----
Foi ainda obrigado a reprimir um poderoso surto de agitação estudantil, greves operárias e ações bombistas, ligando-se paulatinamente à direita, e, assim, infletindo, portanto, a sua política inicial.-----
Ato contínuo, as associações de estudantes mais ativas são encerradas, a legislação sindical é apertada, a polícia política desencadeia uma nova vaga de prisões, alguns opositores são novamente exilados, a censura prévia continua, ...-----
Mas a «cereja no topo do bolo» é a recondução de Américo Tomás, então já com 77 anos e conotado com a ala ultraconservadora, como Presidente da República, num processo cozinhado por um colégio eleitoral ultra restrito...-----



- o problema da falta de desenvolvimento económico: é verdade que, de 1950, ano em que Portugal tinha um rendimento per capita inferior a 200 dólares e que 47% da população estava ocupada na agricultura, até aos primeiros anos de setenta, em que o rendimento per capita subiu para os 900 dólares, estando apenas 1/3 da mão-de-obra empregada na agricultura e sendo mais de 60% das exportações produtos manufaturados muito se evoluiu, mas este crescimento económico português «não foi o resultado de qualquer dinâmica endógena - seja por intervencionismo estatal ou desenvolvimento do capitalismo privado - mas sobretudo uma consequência do crescimento económico nos capitalismos europeus mais avançados»; no entanto, e ainda de acordo com o Professor Mário Murteira, «este processo de crescimento pode ser (...) como um processo de subdesenvolvimento, no sentido da crescente dependência da economia perante fatores externos a Portugal, o que implicou um progressivo desajustamento entre a estrutura da produção e a exploração de recursos, a estrutura da procura monetária (expressa no mercado) e as necessidades básicas da maioria da população».-----

Por isto, o Movimento das Forças Armadas traçou três grandes objetivos a concretizar após o dia da Revolução dos Cravos: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver.-----

E a verdade é que:-----

- descolonizámos (não muito bem, como é cada vez mais evidente), até porque a questão colonial, de tal maneira se foi identificando com o próprio regime, só poderia ter uma solução com o derrube deste - de facto, desde fundamentalmente os primeiros anos da década de 70, foi-se generalizando a oposição à política colonial do regime, fruto da confluência de uma certa "«consciência civil» com uma certa «consciência militar», numa altura em que os políticos procuravam uma solução militar para o conflito e os militares defendiam uma solução política para o mesmo;
- democratizámos: não tenho qualquer dúvida que cada um, cada uma de nós aqui hoje presente acredita no postulado segundo o qual a principal conquista da revolução de Abril de 1974 foi a institucionalização do Estado de *Direito* (porque resolve os seus conflitos de acordo com o Direito, em respeito pela dignidade da pessoa humana e pelas regras da ponderação, da adequação e da proporcionalidade) *Democrático* (porque está assente na vontade popular e no respeito pelo pluralismo).

E assim, um país globalmente pobre, muito pouco desenvolvido face à Europa Central e do Norte, amordaçado pela censura e sem conseguir resolver a questão colonial que o exauria de alguns dos seus melhores recursos humanos e materiais (para além



dos que emigravam...), ousou acreditar que era possível Democratizar (do grego «demos», povo, o qual detém o poder soberano sobre os poderes legislativo, executivo e judicial, exercidos em nome de todos os cidadãos pelos seus representantes livremente eleitos, os quais devem ser o garante da liberdade humana - de pensamento, de expressão, de proteção, de participação plena na vida política, económica e cultural da sociedade).-----

Hoje, a nossa sociedade democrática, está, assim, por imperativo ideológico, baseada em valores (como o da tolerância, da cooperação, do compromisso, por exemplo), os quais, pela extrema dificuldade ou mesmo impossibilidade, nalguns casos, na sua concretização, levam a um aumento das incertezas, desconfianças, azedumes inultrapassáveis, corrupção infelizmente transversal à sociedade, a mesma que, afinal, detém a chave de (tudo?) poder resolver; Mahatma Gandhi disse que «a intolerância é em si uma forma de violência e um obstáculo ao desenvolvimento do verdadeiro espírito democrático».-----

Ora, a Democracia, embora com todas as suas imperfeições e insuficiências, está definitivamente consolidada no subconsciente coletivo;-----

- desenvolvemos: os últimos 48 anos possibilitaram progressos notáveis na economia (apesar dos três pedidos de assistência internacional, do Covid-19 e, agora, da Guerra na Ucrânia), na educação (em 1974 mais de um terço da população era analfabeta e apenas 1,6% frequentava o ensino médio ou superior) e na Saúde (com o aumento, por exemplo, da longevidade e da qualidade de vida e a diminuição acentuada da mortalidade infantil).-----

Portanto, se descolonizámos, democratizámos e desenvolvemos, o Programa do Movimento das Forças Armadas está cumprido, logo o regresso, a cada ano, neste dia, a este local, serve sobretudo para lembrar, homenagear, celebrar o passado. Sim, mas não só, pelo que vos proponho, muito brevemente, a consideração de outros e novos três «D», que me parecem ser os que, agora, fazem sentido propor!-----

Os novos 3 «D»...-----

- despertar: nas eleições autárquicas do passado dia 26 de setembro, 43,52% dos eleitores figueirenses ficou em casa, e em 2017 tinha sido 50,1%...; ouvimos que as pessoas não votam porque não confiam no sistema, nos partidos e nos seus representantes; porque não identificam projetos políticos alternativos e estão cansadas da acrimónia estéril entre os protagonistas.-----

Percebemos que, de facto, o sistema não está desenhado para facilitar a vida ao eleitor, pelo que este encara o seu voto como um custo.-----



Mas, será que, na maioria dos casos, o voto das pessoas conta?-----
É possível escrutinar ou, sequer, estabelecer uma ligação direta com os
representantes de quem foi votar?-----
Ou a abstenção é, afinal, um voto... de protesto?-----
Seja como for, eleitos e eleitores têm de fazer um esforço de aproximação mútua,
mas urgente, porque a Democracia não é um dado adquirido, mas sim um processo em
constante construção: Mahatma Gandhi, que sabia destas coisas, disse que «a
intolerância é em si uma forma de violência e um obstáculo ao desenvolvimento do
verdadeiro espírito democrático».-----
E eles andam aí, à Direita, mas também à Esquerda...-----
- digitalizar: a visão da Comissão Europeia é a transformação digital da Europa
até 2030, sendo que, ao nível da Cidadania digital, ela comporta dar prioridade
às pessoas (as tecnologias digitais devem proteger os direitos das pessoas, apoiar
a democracia e assegurar que todos os intervenientes digitais agem de forma
responsável e segura); a solidariedade e a inclusão (a tecnologia deve unir as
pessoas e não dividi-las, com o acesso de todos à Internet, a competências digitais,
a serviços públicos digitais e a condições de trabalho justas); a liberdade de
escolha (um ambiente em linha justo, estar a salvo de conteúdos ilegais e
prejudiciais, e ter capacidade para interagir com tecnologias novas e em evolução,
como a inteligência artificial); a participação (poder participar no processo
democrático a todos os níveis e ter o controlo dos seus próprios dados); a proteção
e a segurança; e a sustentabilidade (os dispositivos digitais devem apoiar a
sustentabilidade e a transição ecológica).-----
E nós, portugueses, vamos ficar de fora? Ou atrasar-nos?-----
- despoluir: o Pacto Ecológico Europeu prevê tornar a Europa o primeiro continente
com impacto neutro no clima até 2050.-----
De facto, as alterações climáticas constituem o maior desafio do nosso tempo, mas
também uma oportunidade para construirmos um novo modelo económico, assente na
redução de emissões, na geração de emprego e de crescimento, no combate à pobreza
energética, na redução da dependência energética externa e na melhoria da nossa
saúde e do nosso bem-estar.-----
É preciso transitarmos para uma mobilidade mais ecológica, o que terá de
proporcionar transportes limpos, acessíveis e a preços comportáveis, mesmo nas
zonas mais remotas.-----
É necessário alcançarmos quotas mais elevadas de utilização de energia de fontes



renováveis e uma maior eficiência energética.-----
Temos de renovar as nossas casas e edifícios, para poupar energia, garantir proteção contra temperaturas extremas e combater a pobreza energética.-----
Precisamos de restaurar a natureza e de permitir que a biodiversidade volte a prosperar, em muitos lugares sacrificados à lógica impermeabilizante dos solos.-
Temos de reaprender a trabalhar em conjunto.-----
Finalmente, como disse, no regresso, há 8 anos, neste dia, a este local: em 1974, um grupo de jovens (Salgueiro Maia tinha à data 29 anos...) ousou, planeou, executou. A lição que retiramos deste Património cuja titularidade é do povo português obriga-nos a olhar o futuro: ousemos, assim, duvidar de velhas e gastas receitas e de modelos ultrapassados, empreendamos uma cultura de planificação da nossa atividade, e sejamos capazes, sabiamente, de pedir a Deus a capacidade de executar coisas sábias, fortes, belas.-----
Viva a Democracia! Viva a Figueira da Foz! Viva Portugal!"-----
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra à deputada municipal Rosa Costa Reis.----
ROSA COSTA REIS: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal, Exm.ºs Senhores Vereadores, Exm.ºs Senhores Deputados Municipais, Exm.ºs Senhores Presidentes de Juntas de Freguesia, Exm.º Senhor Orador oficial e demais oradores, Exm.ª Comunicação Social. Minhas senhoras e meus senhores.-----
Passam hoje 48 anos do dia em que se movimentaram vontades para construir um Portugal livre e democrático.-----
Liberdade, Fraternidade, Democracia palavras quase que desconhecidas e proibidas durante décadas continuam neste século XXI a terem de ser construídas e afirmadas. Os tempos de pandemia que vivemos têm sido e continuam a ser difíceis, o reforço dos princípios de Abril não podem ser travados, temos de ser unidos e solidários mesmo que os princípios de ideologia política sejam díspares pois queremos uma Figueira em todos os sentidos a Primeira.-----
Esperamos de si senhor Presidente da Câmara, Dr. Pedro Santana Lopes, a sua capacidade de governar para todos, com base nos valores que defende e sempre defendeu, num princípio de justiça valorizando a sua capacidade de executar, não é só fazer é fazer bem.-----
Esperamos que o Concelho da Figueira da Foz seja liderante na Zona Centro, afirmando-se como exemplar no desenvolvimento económico, científico/educacional, cultural e desportivo, sem dúvida também atrativo pelo seu património natural,



edificado e ambiental.-----
Comemorar Abril é conciliar vontades numa perspetiva de dotar todas as freguesias das mesmas oportunidades de vida e desenvolvimento.-----
Abril é uma Figueira Solidária e Inclusiva que cria infraestruturas, tratando todos os que aqui vivem ou procuram viver com a dignidade derivada do respeito por todos. E de forma a que não haja assimetrias distinguindo núcleos habitacionais. Todos vivem no Concelho da Figueira da Foz independentemente dos quilómetros que medeiam até ao edifício das decisões político administrativas.-----
A Figueira da Foz tem de ser respeitada não só pelo seu sol e as soluções naturais de lazer que oferece, mas também pelos centros tecnológicos, industriais e de ciência implementados e a implementar num caminho para o Futuro.-----
E a educação, a saúde e a Terceira Idade áreas tão sensíveis, para elas contamos também com a vontade de Abril presente nos seus projetos, senhor Presidente, com a capacidade de trabalho, de sensibilizar e envolver todas as forças políticas e sociais para fazer deste um Concelho promotor de Vida.-----
Viva o 25 de Abril! Viva a Figueira da Foz! Viva Portugal!"-----
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao deputado municipal João Raul Portugal.
JOÃO RAUL PORTUGAL: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Figueira da Foz, Exm.º Senhor Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz, Caro Orador convidado, Coronel Carlos Cachulo, Caro representante da Associação 25 de Abril, Coronel Góis Moço, Senhores Vereadores, Senhores deputados municipais, Entidades religiosas e militares, Caro Coral David de Sousa, Filarmónica Santanense, Coro Pequenas Vozes da Figueira da Foz. Minhas senhoras e meus senhores.-----
Aqui nos encontramos, todos unidos pelo mesmo espírito de liberdade e sempre com renovada determinação democrática, convocados que somos para uma nova celebração do 25 de Abril. Desta vez, com o acréscimo festivo de já termos iniciado as comemorações dos 50 anos sobre a madrugada libertadora. Por outro lado, podemos, hoje e agora, afirmar, como dado relevante e único da nossa história recente, que já contamos com mais dias de Democracia do que os que vivemos sob a ditadura repressiva do Estado Novo.-----
Sem intuitos de qualquer balanço, podemos afirmar que o legado da «Revolução dos Cravos» é incontestavelmente positivo. A começar no carácter pacífico e original do Movimento dos Capitães. Depois, por termos consolidado uma Democracia sustentada numa Constituição avançada, sustentada em eleições livres e em instituições autónomas. Em terceiro lugar, por uma oportuna e bem-sucedida integração na União



Europeia junto de parceiros vigorosamente democráticos e cooperantes social e economicamente. Finalmente, pela melhoria acentuada da qualidade de vida da generalidade da população, designadamente na Saúde e na Educação e, claro, pela instauração e fortalecimento do Poder Local Democrático.-----

Permitam-me, neste dia de celebração nacional, que traga à vossa reflexão a tragédia inenarrável que se passa bem perto de nós, em pleno coração da Europa. A invasão da Ucrânia, com todo o cortejo de massacres, mortes aos milhares, refugiados aos milhões, destruições materiais e horrores humanos, prova-nos claramente que nada é adquirido nem eterno, em relação a um património que julgávamos definitivamente já adquirido, como a Liberdade e a Paz. Tudo isto acontece porque um país e um povo (Ucrânia e ucranianos) querem tão só e legitimamente manter a sua integridade, governar o seu destino e escolher o caminho da Democracia. Tal como acontece na maioria dos países da União Europeia.-----

Ainda há poucos meses, para quase todos nós, seria impensável que o nosso Continente vivesse esta barbárie em pleno século XXI, oito décadas depois dos horrores da Segunda Grande Guerra, fruto de uma injustificada agressão do imperialismo russo/soviético. Mas a guerra absurda aí está, com consequências nefastas e duradouras, as quais também nós vamos sofrer, ou não estivéssemos num mundo global. É mais uma lição de que devemos estar vigilantes e cuidadores dos valores primordiais da Humanidade, entre eles a Liberdade, a Democracia e o primado do Direito Internacional. Aliás, as chacinas a que assistimos na Ucrânia deveriam levar à reflexão sobre o funcionamento das instâncias internacionais, caso da Organização das Nações Unidas (ONU), Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) e Tribunal Penal Internacional, entre outras.-----

Caros figueirenses, senhoras e senhores, vivemos uma era de profunda incerteza, egoísmo e desumanização. Uma era em que os cidadãos são vistos como clientes, reduzidos à única dimensão económica e em que os trabalhadores são tidos como meros recursos humanos...-----

A queda do Muro de Berlim, há quase três décadas, acentuou essa crise.-----

A estagnação económica, que assumiu o seu auge em 2008, provocou o mal estar e o empobrecimento da classe média. Por seu lado, as migrações têm suscitado o medo, a desconfiança do outro e ondas crescentes de xenofobia e racismo.-----

Por último, também as redes sociais estão a contribuir para o crescimento do populismo e a crise da Democracia, ao darem voz e palco a líderes e forças autoritárias que prometem aquilo que as pessoas querem ouvir, mas que não são mais



do que promessas irrealizáveis.-----

Para travar esta onda de desinformação e manipulação, é urgente que os políticos travem o nacionalismo, inovem na economia e combatam as desigualdades. E que cada cidadão reforce a sua convicção e participação cívicas.-----

São muitos os estudos sobre o impacto ambivalente das redes sociais e sobre a influência dos gigantes tecnológicos no controlo das decisões dos eleitores e no desvirtuamento da Democracia, mesmo ao nível de países que se julgariam imunes. O caso da eleição de Donald Trump está aí para o demonstrar, mas também poderíamos falar do Brexit e de tantos outros exemplos. Afinal, só o Facebook tem dois mil milhões de utilizadores!-----

Mas se à escala global é esta a situação das redes, à escala local, aquela mesma realidade que toca os nossos municípios e todos nós, o impacto das redes sociais pode assumir um carácter muito nefasto, criando falsas informações, fomentando mentiras, difamações e ódios. Tudo provocado por autênticos criminosos sem rosto visível que se escondem atrás de perfis falsos, ecrãs e tecnologias mais ou menos avançadas. Mais grave ainda, é o facto de os difamadores conhecerem, muitas vezes, e até interagirem com os eleitos na vida de todos os dias, cruzando-se com eles na rua, no café e noutros espaços públicos. Ou seja, a nível local, os elementos das autarquias estão ainda mais expostos e vulneráveis. Impõe-se uma regulação muito mais assertiva e, mais do que isso, sanções mais pesadas, sanções essas dirigidas aos utilizadores que prevaricam, mas também aos detentores das redes.-

Sabemos que há essa preocupação a nível europeu e nacional, mas é urgente passar à prática: aplicar leis que controlem efetivamente o abuso, a invasão da privacidade e o crime da mentira e difamação, o assédio e o *Cyberbullying*.-----

Segundo estudos de especialistas, a difusão das mensagens pelas redes é seis vezes mais rápida do que as mensagens clássicas. Conhecemos, igualmente, que as crianças e jovens passam uma média de quatro horas em frente de ecrãs, sejam telemóveis, tablets, smartphones..., havendo já casos de depressão digital. Enquanto pais, adultos, cidadãos, não podemos assistir impávidos e serenos, à criação de gerações de jovens sem convicções cívicas, sem relações sociais, acrílicos e a viverem numa bolha virtual.-----

Caros concidadãos, senhoras e senhores, cabe-me ainda chamar a atenção para uma situação que nos deve preocupar também enquanto eleitos locais, estejamos no papel de maioria que governa o nosso município ou integrado os partidos da oposição.--

Hoje e aqui, num momento em que festejamos os 48 anos do 25 de Abril, é tempo de



dizer que o poder local democrático foi uma das maiores conquistas desse acontecimento único da nossa História Contemporânea. Todos fazemos parte dos órgãos autárquicos, na Câmara e nas Juntas. Ninguém é dispensável!-----

Os direitos da oposição estão bem estabelecidos por lei: a Lei 24/98, de 26 de maio. Essa lei consagra a legitimidade e os direitos dos eleitos enquanto poder ou como oposição: o Direito à informação, o Direito de Consulta Prévia, o Direito de Participação, o Direito de Depor.-----

Se me é permitido, exorto-vos a estarmos sempre atentos e vigilantes sobre o cumprimento destes deveres democráticos, pois só eles asseguram uma vivência saudável e a prossecução do bem comum para todos nós figueirenses.-----

Uma mensagem final enquanto cidadãos do Mundo, Portugueses, Figueirenses. Quarenta e oito anos após Abril, o caminho continua a ser só um: temos que manter a defesa do ser humano, bem como dos nossos direitos universais e das nossas liberdades fundamentais. Temos que cultivar o nosso otimismo, contra crises, perplexidades e dúvidas.-----

Somos seres de diálogo e de concertação e através das nossas capacidades linguísticas, da inovação e da cooperação, vamos seguramente construir um mundo mais livre e promissor do que aquele em que vivemos hoje. Merecemos todos. A nossa geração, os nossos filhos, todos os seres humanos, sem distinção.-----

Viva o 25 de Abril!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA deu a palavra ao Presidente da Câmara Municipal.-----

PRESIDENTE DA CÂMARA: "Exm.º Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm.º Orador convidado, Exm.º representante da Associação 25 de Abril., Senhores membros da Mesa, Senhores deputados municipais, Senhores Vereadores, Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Exm.ºs filarmónicos, Exm.º Coral David de Sousa, Autoridades civis militares religiosas. Senhoras e senhores convidados.-----

O mundo tem quase tudo posto em causa: ideologias, instituições financeiras, bancos centrais, equilíbrios ambientais, géneros sexuais, privacidade digital, processos formativos e educativos, organização administrativa. Podemos pensar noutra contradição. Há poucos anos, a União Europeia começou a aplicar de modo severo o Regulamento Geral de Proteção de Dados. E o que se passa no mundo? Os dados de todos nós são, cada vez mais, pertença dos vários Big Brothers que hoje existem um pouco por toda a parte.-----

Neste mundo desequilibrado e desorientado há tendência, por vezes, para esquecer os seus bens mais valiosos. Quais são? A saúde a honra e a liberdade.-----



Como disse, neste mundo as opções, as regras, os princípios, os valores são algo constantemente posto em causa. As pessoas atravessam uma fase muito complicada das suas vidas, pandemia e uma guerra envolvendo uma das grandes potências e ameaçando um conflito generalizado, é muito, muito, muito complicado. Quando vemos comportamentos como aqueles que se verificaram no mundo, temos todos nós de erguer fortalezas.-----

Reparem só noutro contraste destes anos. Milhões protestaram e protestam, saturaram-se e saturam-se, como ainda agora na China, em Xangai, por estarem confinados com aquecimento muitas vezes, televisão, computadores, água, energia, comida, séries, filmes, música, enquanto outros milhões de refugiados não tinham sequer um teto, uma bolacha ou um qualquer abrigo para as intempéries.-----

Pensando nos bens que há pouco referi como principais riquezas do ser humano, a saúde, a honra, a liberdade, peço-vos para ligarmos a liberdade talvez às forças de segurança, a sua garantia à honra e a sua defesa aos tribunais; a saúde ao Estado e também cada vez mais aos Municípios. Quando a liberdade é posta em causa as pessoas protestam e logo há notícias. Quanto à honra, quase ninguém lhe liga no que ao Estado respeita. Cada um preocupa-se com a sua e quase ninguém quer saber da dos outros.-----

Quando não há cuidados de saúde parece que as pessoas muitas vezes aceitam resignadas e também, muitas vezes, não há notícias. Já pensaram o que seria se em Lisboa ou no Porto um Centro de Saúde fechasse de cada vez que faltasse um ou dois funcionários? A revolta que seria e as reportagens que passariam insistentemente nos espaços noticiosos.-----

Pois, não é assim fora dos grandes centros urbanos! É como se nas cidades vivessem seres humanos com direito a serem atendidos logo que precisam, e fora das cidades outra espécie de humanos, não exatamente com os mesmos direitos.-----

Mesmo nas cidades, aconteceu ainda recentemente neste país que, por exemplo, uma filha que tenha a sua mãe internada possa estar quatro dias, quatro dias a telefonar insistentemente para um Hospital, sem saber uma única notícia sobre a sua progenitora. Será isto admissível no regime de Abril? Na verdade, esta desconsideração pelos bens humanos mais valiosos, quanto a tudo o que se vai passando no mundo, faz-nos pensar bastante sobre a condição humana!!!-----

Da condição humana de André Malraux à servidão humana de William Somerset Maugham, há variadíssimos ensaios e obras publicadas, umas mais clássicas do que outras, que tratam destes dilemas e contradições que se colocam aos humanos. Num mundo em



que vivemos, é difícil entender, essa condição humana a vários níveis, nomeadamente quanto à loucura, à insensibilidade, à frieza, até contra a coragem ou a cobardia de vários. Não é fácil de observar e de compreender comportamentos humanos a que vamos assistindo. Assim sendo, temos de nos defender aos nossos e a nós, às nossas comunidades.-----

Por isso mesmo, ganha acrescida importância o conceito de Estado Social Local.-- Não podemos admitir resignação, acomodação, refúgio ou formalismos, quando está em causa a saúde das pessoas. Não somos nós que temos de avaliar a falta que faz uma consulta médica, um exame de diagnóstico ou uma intervenção cirúrgica a quem dela precisa, são os profissionais de saúde. As unidades de saúde, como disse, não podem fechar por faltar um ou dois profissionais médicos, enfermeiros, assistentes, seja quem for! E se as faltas impedirem a abertura, imediatamente se deve providenciar transporte para a unidade capaz de prestar os cuidados de que aqueles utentes, naqueles dias, porventura, necessitem. Já se pensou no que seria se as câmaras não fornecessem água por faltarem dois funcionários? Quem diz as câmaras, diz os serviços que estão concessionados? Já pensaram se fechassem as estradas por falta de quem as vigie? E já pensaram se fechassem as praias por faltarem dois banheiros? Já pensaram se o Mercado fechasse por falta de um ou dois funcionários? Ninguém aceita, tudo protesta, todos se insurgem, logo é notícia. Como se pode aceitar que uma ou várias pessoas que estejam com problemas de saúde, precisam de ser vistas, de tratamento, de um curativo ou de uma pequena intervenção, deem com a porta fechada? É absolutamente inadmissível!-----

Falo deste tema, porque falar de Abril é falar de liberdade e de Justiça. Abril fez-se por causa desses valores. Não podemos baixar os braços até que, nesta matéria do bem primeiro, não existam cidadãos de segunda e cidadãos de primeira, que todos tenham direito à saúde quando dela precisem e aos cuidados inerentes. Abril fez-se para cuidar dos mais pobres, dos mais fracos, dos mais desprotegidos! Todos precisamos que, de vez em quando olhem para nós, mas há aqueles que não precisam que olhem por eles, são os privilegiados.-----

Abril fez-se para dar liberdade a todos, mas fez-se para cuidar principalmente dos que não têm o outro valor: a justiça. Como alguém escreveu, no poema de Ricardo Reis:-----

«Segue o teu destino,-----
Rega as tuas plantas,-----
Ama as tuas rosas.-----



O resto é a sombra-----
De árvores alheias»-----
assim todos devemos fazer, lutar por aquilo que entendemos ser o nosso dever para
cumprir Abril.-----

Viva o 25 de Abril! Viva a Figueira da Foz! Viva Portugal!"-----

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA: "Reitero os cumprimentos iniciais, regozijando-me pela
liberdade hoje sentida ao estar de novo na vossa presença, após dois anos de
privação, para, conjuntamente, comemorarmos mais um aniversário de uma data
histórica de um país, o nosso, que soube lutar por um direito que é de todos, sem
recurso a armas.-----

Confesso-vos também, que este foi e é um dos discursos que mais me perturbou
aquando da sua elaboração. Talvez a idade, pese neste sentir, mas talvez também,
pela idade deva mostrar, mais do que nunca, o que sinto.-----

Há em mim, um misto de emoções. Depois de uma experiência pandémica mundial,
provocada por um vírus que nos apartou de afetos, de abraços, de presenças, de
liberdade; experiência com a qual a humanidade tanto aprendeu ou deveria ter
aprendido, somos brutalmente afetados por uma guerra que entra a toda a hora nas
nossas casas e que, dia após dia, se torna tão incompreensível quanto
insustentável.-----

Ouso, ler-vos os versos de uma composição poética de Fernando Pessoa, sob a máscara
de Ricardo Reis que, um dia, há alguns anos atrás, em contexto familiar, ouvi
declamar e cujo significado ficou sempre retido na memória do meu coração. Séculos
nos separam da sua escrita, mas a sua intemporalidade é real. Não sei declamar,
mas partilho convosco alguns desses versos:-----

«Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia-----

Tinha não sei qual guerra,-----

Quando a invasão ardia na Cidade-----

E as mulheres gritavam,-----

Dois jogadores de xadrez jogavam-----

O seu jogo contínuo.-----

À sombra de ampla árvore fitavam-----

O tabuleiro antigo,-----

E, ao lado de cada um, esperando os seus-----

Momentos mais folgados,-----

Quando havia movido a pedra, e agora-----



Esperava o adversário, -----
Um púcaro com vinho refrescava -----
Sobriamente a sua sede. -----
Ardiam casas, saqueadas eram -----
As arcas e as paredes, -----
Violadas, as mulheres eram postas -----
Contra os muros caídos, -----
Trespassadas de lanças, as crianças -----
Eram sangue nas ruas... -----
Mas onde estavam, perto da cidade, -----
E longe do seu ruído, -----
Os jogadores de xadrez jogavam o jogo de xadrez» -----
Sinto-me um dos jogadores de xadrez, nesta guerra sangrenta com conseqüências nefastas e irreparáveis, quando as perdas humanas crescem a cada dia, a par da angústia e do desespero dos que permanecem no cenário bélico. -----
Falar, hoje, em liberdade, na liberdade de Abril conseguida por um grupo de homens, que à surdina, sob uma senha musical, agiu para repor um direito constitucionalmente definido, é enaltecer a capacidade de fazer, sem destruir; de conquistar, sem guerrear; de saber fazer, sem matar. -----
Vivemos, pois, de novo, uma liberdade condicionada. Sofremos com o que vimos, ajudamos como conseguimos, mas a guerra continua. Uma guerra desmesurada, de uma imbecilidade cruel. Oscar Wild afirmou: «Os loucos às vezes curam-se, os imbecis nunca». -----
Caríssimos, de novo tempos difíceis. Depois de uma guerra pandémica, que ainda não findou, eis que surge, apetece dizer do nada e por nada, a guerra, desculpem a redundância, bélica com repercussões mundiais, já sentidas, no presente, no nosso país, por cada um de nós. O aumento da inflação, o abrandamento do consumo e do investimento e a instabilidade dos mercados financeiros são alguns dos efeitos do atual cenário de guerra, agravado ainda com o confirmar de um cenário de sanções económicas de larga escala. A queda dos índices bolsistas, o aumento dos preços do petróleo, do gás e dos cereais são apenas uma primeira amostra do impacto desta guerra, quer a nível nacional, quer a nível mundial. -----
Empossado há pouco mais de um mês, o governo tem de enfrentar uma situação, como referiu o Presidente da República, para a qual «a Europa não estava preparada». -
Não é tempo, mais do que nunca, de baixar os braços. Dos meus quase 80 anos, tenho-



me sentido, muitas vezes, por razões diversas, derrotado, mas nunca me dei ou dou por vencido. Aos nossos governantes compete acompanhar os problemas que, dia a dia, vão surgindo e mudando a um ritmo muito acelerado, a nós cidadãos compete-nos fazer com que Abril aconteça a cada dia, acreditando que a esperança, ainda que muito ténue, continue a alimentar a coragem para um futuro melhor dos nossos filhos, netos e demais gerações vindouras.-----

Que possamos continuar a fazer a apologia do respeito da dignidade da pessoa humana, dos seus direitos, condenando qualquer tipo de xenofobia, escravatura ou outra qualquer forma de desrespeito pelo direito e liberdade do outro, como meio de assunção do que muito pretendemos e pelo qual tanto lutámos e continuaremos a lutar: o avanço civilizacional irreversível.-----

Saibamos, pois, por nós, pela Ucrânia, pelo povo russo que se opõe à guerra, fazer acontecer ABRIL.-----

Viva a Figueira da Foz! Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!-----

Para terminar, gostaria, de fazer os agradecimentos que o dever de sermos gratos se nos impõe.-----

Desde logo, aos órgãos sociais da Sociedade Musical Recreativa, Instrutiva e Beneficente Santanense, na pessoa da sua Presidente Marta Ângelo, dizendo-lhes que foram inxcedíveis de atenção e trabalho.-----

Ao Senhor Maestro e Senhoras e Senhores filarmónicos da Sociedade Musical Recreativa, Instrutiva e Beneficente Santanense.-----

Ao Senhor Maestro Vitor Ferreira e aos coralistas do Coral David de Sousa-----

À Senhora Maestrina Alexandra Curado e aos elementos do Coro Pequenas Vozes da Figueira da Foz, que teremos o prazer de ouvir a seguir.-----

A todos os que intervieram pelo uso da palavra, mas também aos que conosco partilharam a ausência da palavra - o silêncio que honrou e dignificou com elevação e excelência esta nossa Sessão Solene comemorativa do 48.º aniversário do 25 de Abril.-----

Aos Bombeiros Sapadores e Voluntários que fizeram a guarda de honra na cerimónia do hastear da bandeira.-----

Ao Dr. Pedro Lopes, ao Rogério Carmelino (Bigas), à D. Helena, ao Departamento de Obras Municipais e Ambiente, na pessoa da Eng.ª Elisabete Eulálio, Eng.º Valter Rainho e Eng.º Tiago Reis, ao Gabinete de Comunicação da Câmara, na pessoa do Senhor Sérgio Morgado, à Dr.ª Margarida Perrolas, e aos trabalhadores do Centro de Artes e Espectáculos, na pessoa da Senhora Virgínia Espadinha, ao Senhor Jorge



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ata nº 2 da Sessão Extraordinária de 25-04-2022

Portulez e a todos os elementos da equipa técnica de som, que entre si colaboraram na preparação desta cerimónia.-----

A todos os presentes, um profundo reconhecimento, por se terem associado a nós, nestas cerimónias comemorativas do 48.º aniversário do 25 de Abril.”-----

Seguiu-se a atuação do Coral David de Sousa, que interpretou os temas Acordai de Fernando Lopes Graça e Porque de Francisco Fanhais, sob a direção do Maestro Vitor Ferreira; o espetáculo «25 de Abril SEMPRE!» realizado pelo Coro Pequenas Vozes da Figueira da Foz, Orquestra de Jazz da Escola de Artes do Centro de Artes e Espectáculos (OJEAC) e Coro Canticus Camerae, sob a direção da Maestrina Alexandra Curado, após o que a Filarmónica da Sociedade Musical Recreativa, Instrutiva e Beneficente Santanense interpretou o Hino da Cidade da Figueira da Foz.-----

E não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Assembleia Municipal declarada encerrada a sessão eram treze horas e quinze minutos, da qual, para constar, se lavrou a presente ata, que será previamente distribuída a todos os membros da Assembleia Municipal para posterior aprovação e que vai ser assinada pelo Presidente e pelo Secretário, nos termos da Lei.-----